



PREFEITURA DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

HISTORIANDO AS ARTES X

ARTE INCA

O VIOLENTO CHOQUE DE CULTURAS

Hoje, acessível por uma via férrea que parte de Cuzco e segue o caminho tomado no ano de 1911 por Hiram Bingham, explorador e professor de História da América Latina em Yale, o qual fora para o Peru estudar a história, a botânica e a geografia do país, o retiro montanhês de Machu Picchu, construído cem anos antes da conquista espanhola, por um soberano chamado Pachacutec Inca Yupanqui – se tornou o mais conhecido remanescente da fabulosa civilização inca.

No início do século XVI, no auge de seu poder, os incas, uma elite de poucos milhares de indivíduos pertencentes ao mesmo grupo étnico, dominavam um dos impérios mais vastos da época. Seus domínios abarcavam mais de 4 mil quilômetros ao longo da cordilheira dos Andes, no território que hoje se estende a fronteira do sul da Colômbia até Santiago do Chile, englobando o Equador e o Peru inteiros, uma parte da Bolívia e do Chile e o noroeste da Argentina. Seu coração ficava na abrupta espinha dorsal dos Andes, a cadeia montanhosa mais alta do mundo, depois do Himalaia. A floresta tropical úmida do curso superior do Amazonas marcava seus limites a leste; e a oeste suas fronteiras eram estabelecidas pelas areias do árido deserto litorâneo. Os incas chamavam seu país de Tahuantinsuyu, 'os quatro cantos', nome que refletia a divisão oficial em quatro áreas, tendo Cuzco como o centro. Nesse território vivia, em submissão total aos incas, uma população que, segundo estimativas, compreendia de 7 a 9 milhões de pessoas, de mais de cem grupos étnicos.

Os extraordinários incas prosperaram sem conhecer a roda, nem a escrita. Com sua força de vontade e aplicando sua penetrante inteligência para tirar o melhor partido de energia humana, eles criaram, em menos de cem anos, uma das sociedades de organização mais complexa que o mundo já conheceu. Porém, sua fulminante ascensão foi seguida por um declínio ainda mais rápido. O império era governado por uma sucessão de grandes reis guerreiros, conhecidos como Sapa Inca, 'o único Inca'. Impondo sua autoridade sobre um território em constante expansão, esses monarcas desfrutavam de um prestígio que levou seus súditos a lhes outorgar o título supremo de Filho de Inti – Inti era o deus Sol dos incas - e a lhes conceder a deferência e as riquezas condizentes com tal status.

Apesar de todo esse poder, o império foi conquistado por menos de duzentos espanhóis. A coragem dos invasores e seu avançado equipamento bélico talvez não fossem tão importantes diante de um adversário tão formidável e tão numeroso, se as coisas transcorressem de outra forma. No entanto, os acontecimentos que dilaceraram o império inca favoreceram os conquistadores.

Boatos acerca de um misterioso 'país do ouro', situado provavelmente ao sul do equador, circulavam pelo Novo Mundo no início do século XVI. Tentado por essas

histórias, Francisco Pizarro, um veterano das campanhas espanholas na Itália, decidiu conferir a lenda por conta própria. Analfabeto e filho ilegítimo, chegara ao Novo Mundo em 1502, em busca de fortuna.

Depois de empreender algumas expedições ao Novo Mundo Pizarro retornou à Espanha no ano de 1530, fazendo um relato orgulhoso de suas descobertas a Carlos V, falando dos tesouros incas e da possibilidade de arrebatá-los. Diante da perspectiva de ganhos em terras e em ouro, o soberano autorizou o aventureiro a explorar e conquistar, no outro lado do mundo, aquele império até então desconhecido.

Em 1524, quando o império estava no auge de sua glória, chegaram à corte do Sapa Inca rumores extraordinários: 'fortalezas flutuantes' teriam passado ao largo das costas setentrionais, ocupadas por estrangeiros de pele branca e rosto coberto de pelos, que acabaram conhecidos como 'os barbudos'. Essa notícia perturbava muita gente; mais tarde, nobres incas contaram a um cronista espanhol que o próprio imperador, um grande guerreiro chamado Huayna Capac, teve consciência do perigo e pressentiu que um dia aqueles estrangeiros ameaçariam seu trono.

Um ou dois anos depois, o Sapa Inca morreu. Embora seja impossível saber qual a doença que o levou, talvez tenha sido a varíola, introduzida na América pelos conquistadores. Transmitida pelos espanhóis, a enfermidade atingiu os indígenas até mesmo em regiões às quais os conquistadores não haviam chegado. Ela alcançou sem dúvida os territórios ocidentais da América do Sul em 1525, vinda das Caraíbas pela Venezuela e pela Colômbia, lugares em que os europeus já haviam se estabelecido. A epidemia se propagou tão rapidamente entre os incas, sem nenhuma imunidade contra ela, que exércitos inteiros foram dizimados e famílias inteiras atingidas. O moral dos sobreviventes declinava. A maioria havia perdido muitos parentes e amigos. Além de Huayna Capac, a epidemia levou também seu herdeiro presuntivo. O cenário do conflito estava montado.

Pela tradição, o Sapa Inca devia designar seu sucessor. Embora tal honra coubesse normalmente a um dos filhos da esposa principal, a coya, o escolhido não precisava ser o mais velho, e sim o mais capaz e mais apto para governar. Os nobres reunidos em Cuzco proclamaram um novo Sapa Inca: Huascar, ou 'gentil colibri', cujo nome não refletia nenhuma semelhança, física ou de caráter, com essa ave delicada.

Grande parte da corte não estava em Cuzco, porém mais ao norte, em Quito, cidade conquistada por Huayna Capac e por ele escolhida para terminar seus dias. E foi lá que surgiram as dificuldades. Quito se tornara quase uma segunda capital, dividindo os dirigentes do império, até então unidos, em dois clãs rivais. O exército acantonado em Quito preferia um outro filho de Huayna Capac, Atahualpa, cujo nome significa 'peru selvagem', grande ave muito respeitada nos Andes. Atahualpa já demonstrara suas qualidades, tendo passado boa parte de sua vida ao lado do pai, nos campos de batalha.

Embora proclamasse sua lealdade ao novo Sapa Inca por diversas vezes, Atahualpa sabia que Huascar poderia vê-lo como rival. Consciente da possibilidade de ser assassinado pelos partidários de seu meio-irmão, caso se afastasse de sua base em Quito, Atahualpa permaneceu surdo a todos os esforços feitos para convencê-lo a ir a Cuzco prestar reverência ao novo soberano. As coisas permaneceram assim durante cinco anos tumultuados. Finalmente, Huascar desencadeou a crise, ao exigir a presença do irmão. Uma vez mais, Atahualpa se negou, enviando em seu lugar embaixadores com presentes. Huascar, incentivado por cortesãos hostis a seu irmão, mandou torturar e matar os emissários e, em seguida, enviou um exército para que Atahualpa fosse conduzido à força para Cuzco. Irado, Atahualpa conclamou seus partidários às armas; o país, já devastado pela epidemia de varíola, mergulhou então nos horrores da guerra civil.

Foi um conflito sangrento e sem trégua, desencadeando o processo de destruição que seria concluído pela invasão espanhola.

O sucesso de Atahualpa foi completo e Huascar foi capturado vivo. Foi nessa época conturbada, em 1532, que Pizarro retornou à cidade de Tumbes.

Desenrolou-se o confronto entre Atahualpa e Huascar – dois chefes de guerra experientes, que buscavam legitimar o império ao qual serviam. Atahualpa desejava, antes de tudo, ser proclamado Sapa Inca, suplantando assim seu meio-irmão prisioneiro. De origem humilde, Pizarro esperava se tornar governador de uma nova colônia espanhola, obtendo glória e prestígio.

Os índios foram massacrados e Atahualpa capturado. Tendo percebido que o ouro iluminava os olhares dos espanhóis, Atahualpa decidiu comprar sua liberdade, prometendo o resgate mais fabuloso da História. Combinou que encheria de ouro o cômodo no qual estava preso, que media 7 metros de comprimento por 5 de largura, até a altura que fosse possível atingir esticando os braços acima da cabeça. Disse que também encheria de prata “duas vezes completamente” um cômodo do mesmo volume.

Ao honrar sua promessa, Atahualpa assinara sua sentença de morte. Para os incas, o ouro possuía pouco valor intrínseco. Eles o chamavam de ‘suor do sol’, enquanto a prata era a ‘lágrima da lua’; consideravam aquele metal brilhante como esteticamente agradável e sagrado, destinado a se transformar em belos objetos ou em estátuas de deuses para enfeitar os lugares sagrados. Votando grande respeito ao trabalho, valorizavam muito mais os extraordinários tecidos incas, que às vezes exigiam milhares de horas de dedicação. Esses tecidos constituíam a verdadeira moeda do império.

O último ato da tragédia de Atahualpa aconteceu antes de os espanhóis deixarem Cajamarca. As notícias sobre as riquezas do império haviam ultrapassado as fronteiras, atraindo mais estrangeiros ávidos por partilhar do botim. Fizeram então correr o boato de que Atahualpa preparava um ataque de seu exército para libertá-lo, e isso encheu de temor os espanhóis, ainda pouco numerosos. Percebendo que havia um complô contra ele, Atahualpa se preparou para a morte, e concentrou sua atenção em um nobre objetivo: a imortalidade. A versão cristã não fazia sentido algum para ele; no entanto, de acordo com sua própria religião, para assegurar a imortalidade do Sapa Inca seu corpo deveria ser corretamente mumificado. Foi nessa direção que ele orientou seus últimos esforços.

Pizarro acabou concordando com a execução. De acordo com relatos da época, o julgamento se resumiu a uma reunião do conselho do governador, na qual se decidiu que Atahualpa seria queimado vivo.

Em um suprema traição, depois de estrangulá-lo os espanhóis queimaram uma parte de seu corpo e de suas roupas. No dia seguinte, fizeram o enterro, como resmungou um soldado, “com muita pompa, como se fosse o espanhol mais importante do acampamento”.

Apesar de todas suas suspeitas em relação a Atahualpa, Pizarro sabia muito bem da vantagem de ter um soberano indígena sob seu controle, para assegurar a submissão das populações de um império tão vasto. Sua escolha recaiu sobre Manco Inca, outro filho de Huyana Capac, que apoiara Huascar contra Atahualpa.

A chegada de notícias denunciando as atrocidades espanholas em todas as partes do império levou o cordato Manco a rejeitar novos compromissos. Conclamou seus súditos à revolta que foi sufocada pelos espanhóis.

As consequências da conquista foram terríveis para os povos andinos. Muitos não puderam superar o choque da derrota e perderam toda a vontade de viver, enquanto seus país se desintegrava em torno deles. A população indígena sofreu uma redução radical durante o meio século que se seguiu à chegada dos espanhóis, passando de cerca de 7 milhões para 500 mil. Aqueles que haviam sobrevivido à varíola e ao sarampo – também introduzido pelos espanhóis – pagaram um pesado tributo, em trabalhos forçados. As populações litorâneas pereceram de esgotamento e de frio, ao ser obrigadas a transportar

pesadas cargas nas altas montanhas; outros morreram trabalhando nas minas de ouro e de prata.

Nenhum traço de cultura indígena foi poupado. Os palácios foram profanados, os templos do Sol destruídos, as múmias reais descobertas e queimadas. A maioria dos objetos de ouro e de prata se converteu em lingotes. Algumas das mais belas obras-primas foram expedidas para a Espanha e presenteadas a Carlos V. Expostas em Sevilha, provocaram a admiração de todos os que puderam contemplá-las, mas pouco depois, em um ato de vandalismo sem precedente, o imperador mandou fundi-las para financiar suas campanhas, militares.

Alguns incas decidiram prosseguir a luta. Depois da derrota do cerco de Cuzco, Manco à frente de 20 mil partidários, sem embrenhou nos Andes. Lá ele fundou, com sua gente, a cidade que Bingham tentara descobrir, no vale de Vilcabamba. Dotada de cerca de sessenta construções de pedra monumentais e outras trezentas menores, e cortada em todos os sentidos por estradas e canais, Vilcabamba se estendia por mais de 5 quilômetros quadrados. Os incas ali reinaram ainda durante 35 anos. A partir desse campo entrincheirado, lançavam periódicos ataques aos invasores. Após a morte de Manco, três de seus filhos reinaram sucessivamente em Vilcabamba.

Em 1572, os espanhóis decidiram eliminar aquele último baluarte de resistência indígena. Mas, ao chegar em Vilcabamba, eles a encontraram quase deserta: seus defensores haviam incendiado a cidade, antes de empreender a fuga. Os espanhóis os perseguiram em meio à floresta tropical, até capturar o último chefe inca, Tupac Amaru. Ele foi levado para Cuzco e decapitado na grande praça. Com ele desapareceu a dinastia inca.

PACHACUTEC, O HOMEM QUE FEZ TREMER A TERRA

Em 1950, Cuzco sofreu um terremoto que destruiu muitos edifícios que haviam sido erigidos pelos espanhóis sobre as ruínas da capital inca. Porém, como em tremores de terra anteriores, a maior parte das antigas fundações de pedra de Cuzco resistiu aos terríveis abalos sísmicos.

Perto do centro de Cuzco, sob as ruínas da igreja e do monastério de Santo Domingo, edifícios construídos no século 16, permanecia intacto um magnífico muro encurvado, de 6 metros de altura, feito de andesita cinza-escuro, bem como outras obras do complexo inca. Para grande espanto e alegria de muitos, o tremor trouxera à luz do dia outros trechos das imponentes muralhas incas, anteriormente ocultos sob as construções coloniais.

Aqueles muros esplêndidos, sobre os quais os dominicanos construíram sua igreja e seu monastério, ainda nos tempos da conquista haviam antes pertencido ao santuário mais sagrado do império inca, o Templo do Sol, consagrado a Inti, o deus supremo. Os incas davam a esse conjunto, formado por meia dúzia de edifícios, o nome de Coricancha, 'cercado de ouro'. Ali eles colocavam, ao lado da efígie de Inti, as de ídolos dos povos conquistados.

Coricancha fascinou os espanhóis. O cronista Pedro de Cieza de León declarou que o templo de Inti era, "entre os lugares de culto, um dos mais ricos e ouro e prata que se podia encontrar em qualquer parte do mundo". Ele descreveu como "a meia altura da muralha corria um friso de ouro de largura de dois palmos – 30 a 40 centímetros, com quatro dedos de espessura. Folhas desse metal precioso revestiam os batentes e as portas. Havia ali uma grande imagem do sol,



de ouro soberbamente cinzelado e cravejada de pedras preciosas. Havia um jardim em cujo chão, feito de pedaços de ouro, estavam plantados pés de milho de ouro – a haste, as folhas e as espigas”.

Uma boa parte do ouro e da prata de Coricancha serviu para pagar o resgate de Atahualpa, quando ele foi feito prisioneiro pelos conquistadores. Os espanhóis arrancaram setecentas placas de ouro só de seus muros – “como as pranchas de um caixote”, observou o secretário de Pizarro. Após pilhar as riquezas do templo, os espanhóis ofereceram a casca vazia para os dominicanos, a poderosa ordem religiosa que dirigia a brutal Inquisição espanhola.

Os tremores de terra forçaram os dominicanos a reconstruir por diversas vezes sua igreja, no decorrer dos séculos. Mas, depois dos terríveis estragos de 1950, um movimento coletivo sem precedentes se manifestava a favor das ruínas mais antigas, levando os restauradores a tomar partido em um dilema jamais enfrentado por seus sucessores: quais ruínas preservar, a igreja colonial espanhola, ou o templo inca? Em 1951, uma equipe de conselheiros da Unesco enviada a Cuzco se pronunciou, sem levar em conta os pedidos das organizações locais, a favor da reconstrução da igreja, alegando a importância e a beleza daquele antigo exemplo da arquitetura colonial. Mas crescia a pressão da opinião pública no sentido de preservar os monumentos incas, mesmo em detrimento da herança espanhola. Seis anos mais tarde, os arquitetos peruanos se dedicaram seriamente a empreender a restauração e decidiram dar prioridade às ruínas incas, passando por cima das recomendações da Unesco. Depois disso, várias partes da igreja e do monastério foram removidas e expuseram parcialmente o labirinto de paredes outrora revestidas de ouro, material reverenciado pelos incas como ‘suor do Sol’.

Sob o reinado de Pachacutec, que significa cataclismo, ou ‘aquele que faz a terra tremer’, talvez o maior estadista que surgiu na América pré-colombiana, e depois sob o de seu filho, Topa Inca Yupanqui, os incas submeteram todos os Estados e todas as tribos de alguma importância que viviam nos Andes. Não criaram apenas o maior império pré-colombiano do Novo Mundo, mas também o mais bem planejado e administrado. Aplicavam sua notável habilidade para organizar com uma eficiência que fascinou os conquistadores espanhóis, quase tanto quanto seu ouro.

Não possuindo escrita, os incas não podiam registrar suas formidáveis proezas. Muito do que se sabe sobre os primeiros incas provém de relatos transmitidos pelo povo, de uma geração para outra; além dos escritos feitos por cronistas espanhóis. Assim, os relatos que sobreviveram forma uma colorida mescla de verdade e lenda, às vezes tingida por certa exaltação dos incas.

Um dos mais confiáveis cronistas espanhóis foi Pedro de Cieza de León, que durante dezessete anos percorreu o império como simples soldado. Embora visse os incas sob o prisma de sua própria cultura e, acima de tudo, de um conquistador, ele se mostrou um ouvinte atento e um observador perspicaz. Outro cronista importante foi El Inca Garcilaso de la Vega, filho de uma princesa inca e de um soldado espanhol, que muitas vezes exaltou as virtudes da herança materna, em detrimento da verdade. Houve ainda Felipe Huaman Poma de Ayala, que deixou um documento fundamental para o conhecimento dos Andes pré-colombianos, no início da conquista.

Pelo que se pode definir a partir dos retalhos de história, os incas teriam surgido por volta de 1.200. Boa parte do conhecimento se baseia na lista cronológica de seus soberanos, descendentes de uma pequena tribo de montanhesees que vivia no vale de Cuzco. Mas os detalhes de sua primitiva existência se perderam no mito. A palavra *inca* aparece na tradição oral apenas no reinado do sexto rei, que adotou o título de Sapa Inca. Foi mais tarde que esses habitantes das terras altas se autodenominaram ‘incas’.

De acordo com o mito, o fundador de Cuzco foi Manco Capac, o primeiro soberano. Os relatos antigos apresentam os incas como filhos do deus Sol, Inti, de quem receberam

a missão de civilizar e educar os selvagens que encontrassem. Mas eles somente cumpririam seu verdadeiro destino a partir do nono soberano, Pachacutec.

Embora não fossem os primeiros a estabelecer um império nos Andes, os incas certamente reinaram sobre a maior e mais diversificada das nações, graças à expansão empreendida por Pachacutec e por seu filho, Topa Inca Yupanqui.

Para dominar uma área tão vasta, os incas dependiam de sistemas que lhes permitissem governar efetivamente. Espalhados pelos desafios extremos geográficos viviam diferentes grupos étnicos, com pouca coisa em comum. Após submetê-los, Pachacutec empreendeu a tarefa de organizá-los em um só império florescente.

Tendo se apossado de um novo território, Pachacutec aplicava uma política planejada para evitar distúrbios. Ele permitia, por exemplo, que os povos conquistados mantivessem seus chefes tradicionais e seus deuses, mas esperava que acrescentassem a seus rituais o culto ao Sol. Ao contrário dos espanhóis, que queriam impor a sua religião e excluir todas as outras, ele acolhia os ídolos locais no panteão inca e lhes concedia um lugar na reverenciada Coricancha; na verdade, era também uma forma de submetê-los. Se ocorressem agitações em seus territórios de origem, ele poderia mandar retirar as veneradas efígies e açoitá-las em público, uma imensa desgraça potencial para os adoradores do ídolo, que seriam forçados a se curvar.

Para que todos pudessem se compreender e se comunicar em seu império, Pachacutec fez do quíchua, idioma falado em Cuzco, a língua oficial. Ele permitiu que os povos conquistados continuassem a usar seu idioma natal – o mais difundido era o aimará, contanto que aprendessem o quíchua. Cieza de León descreve o quíchua como “um bom meio de expressão, sucinto, fácil de compreender e de vocabulário rico”. Hoje em dia, cerca de 10 milhões de andinos falam o quíchua, e o aimará também subsiste ainda em algumas regiões.

Pachacutec foi bem longe para justificar a legitimidade da hegemonia inca. Especialista em propaganda, conta-se que ele convocava seus historiadores para lhes ditar novas histórias em que se autoglorificava, substituindo antigas lendas. Um desses relatos fala de uma jovem originária da seca região costeira de Ica que repelira as propostas de Pachacutec, pois amava outro homem. Em vez de se aborrecer, o imperador admirou sua fidelidade e lhe ofereceu uma recompensa. E ela não pediu algo para si mesma, mas sim a dádiva de água para sua aldeia. O Sapa Inca então mandou 40 mil trabalhadores cavar canais que transportariam o precioso líquido para a aldeia. Essa história fazia de Pachacutec o benevolente pai da irrigação, no imaginário popular. Não importava que aquele extraordinário feito de engenharia tivesse ocorrido, na verdade, séculos antes de seu reinado.

Quando suas lisonjas não surtiam o efeito desejado e parecia iminente uma rebelião, Pachacutec ainda podia brandir a ameaça do reassentamento. Famílias insubmissas, e até comunidades inteiras, foram obrigadas a se transferir para províncias já pacificadas, em outras partes do império. Em seu lugar ele assentava populações de lealdade comprovada, para servir de exemplo e propagar os métodos incas. Esses reassentamentos atendiam também a três outros objetivos: aliviar a pressão demográfica nas zonas de povoamento mais denso, ao reduzir a população excedente; abrir terras virgens à agricultura, com a implantação de colonos; e fornecer mão-de-obra para as grandes obras do Estado. Mas seu principal efeito foi transformar o império em um enorme cadinho de povos, que se mesclavam e eram assimilados, sob a administração direta de Cuzco.

A hierarquia, com o Sapa Inca firmemente instalado em seu ápice, era o princípio fundamental da organização do governo inca. Pachacutec se afirmou como filho do Sol, soberano por direito divino, cuja pessoa merecia reverência e opulência. Embora os detalhes de sua vida cotidiana não tenham sobrevivido, a descrição feita por Cieza de León dos rituais em torno de outro monarca, Atahualpa, dá uma ideia de como

Pachacutec teria sido tratado. Seus alimentos, servidos em pratos de ouro e prata, eram depositados sobre uma esteira a seus pés. Uma mulher de seu séquito segurava cada um dos pratos para ele comer, enquanto outra estendia as mãos para recolher os restos, e até mesmo o que era rejeitado por ele. Sua pessoa era considerada tão sagrada que os restos de sua comida e as vestes que ele abandonava – depois de usá-las uma só vez – eram guardados e queimados cerimonialmente, no final do ano.

Em suas viagens para inspecionar o império, Pachacutec não se movimentava como um mortal comum: era carregado em uma liteira de ouro incrustada de jóias e escoltado por milhares de homens. Concedia audiências, em geral oculto por trás de uma parede, sentado sobre um tamborete baixo instalado sobre uma plataforma elevada, misto de trono e cadeira de juiz. Ostentava na cabeça um adereço conhecido como *llautu*, uma trança multicolor, da largura de um dedo, que dava quatro ou cinco voltas em torno de sua cabeça. Os nobres também podiam usar o *llautu*, porém o do imperador era encimado por três penas de aves raras e tinha na frente uma franja, feita com lã vermelha de vicunha, que pendia até seus olhos, com borlas (adorno pendente feito de fios de lã) presas por pequenos tubos de ouro. Ninguém, nem mesmo os que cercavam mais de



perto, podia ficar em pé diante dele; os súditos deviam se curvar, virando a cabeça e os ombros. Até os nobres se aproximavam do Sapa Inca com humildade, descalços e com um fardo nas costas. Cieza de León observa: “Pouco importava se a carga era pesada ou não; servia para testemunhar a reverência devida ao Inca”.

Pachacutec herdara costumes de seus predecessores, mas modificou alguns para melhor justificar sua posição suprema e divina, à frente de um império em plena expansão. Tradicionalmente, o soberano possuía um harém composto de centenas de concubinas, que o serviam como esposas secundárias. Porém a imperatriz, ou coya, devia ser sua irmã por parte de mãe e de pai. Sendo de sangue real e herdeira do Sapa Inca por direito, a coya validava o direito de seu esposo ao trono.

Para sua sucessão, o imperador escolhia entre os filhos da coya, o que julgasse mais capaz e mais apto a governar; mas às vezes mudava de ideia depois. O inconveniente dessa forma de sucessão surgiu quando o neto de Pachacutec, Huayna Capac, morreu, talvez de varíola, antes de designar oficialmente seu herdeiro. Seu sucessor mais presumível, Ninan Cuyuchi, também morreu por ocasião dessa epidemia que varreu a corte; sobreviveram dois príncipes, Huascar e Atahualpa, que precisaram lutar entre si para definir a questão da sucessão ao trono. E aí residiram as causas da guerra civil que precedeu e facilitou a queda do império.

No ápice de uma aristocracia de três níveis, a nobreza hereditária constituía uma casta, a única cujos membros mereciam de fato o título de Inca. Chamados de Incas Capac, eram os descendentes do mítico fundador da dinastia Manco Capac. Ocupavam os mais altos postos do Estado e controlavam todos os recursos do país, inclusive os mais valorizados, como as lhamas, as alpacas e as vicunhas, o ouro e a prata, as folhas de coca, as obras dos melhores artesãos e as mais belas mulheres do reino.

Os postos mais elevados da administração, do exército e do clero se destinavam aos nobres de linhagem real, que provavelmente não passavam em geral de quinhentos. Entre estes eram escolhidos os mais altos dignitários, ou *apus*, que governavam cada uma das quatro partes de Tahuantinsuyu e as inúmeras províncias de cada parte. À medida que Pachacutec expandiu o império, surgiu uma falha nesse recrutamento: não havia nobres de ascendência real suficientes para enviar a todos os territórios, para defender os interesses incas e dar bom exemplo às populações. Sempre pragmático, Pachacutec resolveu o problema criando uma nova classe de nobres, os Hahua Incas, escolhidos por privilégio ou por adoção. A maioria era formada por chefes da região de

Cuzco, de reconhecida lealdade, mas muitas pessoas de origem mais humilde foram também içadas à classe de Hahua Incas por serviços prestados ao Inca.

Tivessem ou não títulos hereditários, todos os homens pertencentes à casta dos Incas usavam grandes discos honoríficos, de ouro ou de prata, enfiados nos lóbulos distendidos das orelhas, o que levou os espanhóis a apelidá-los de *orijones*, ‘orelhas grandes’. O uso desses discos auriculares conferia tal prestígio, que os incas consideravam verdadeiramente infeliz um companheiro cuja orelha fosse cortada em combate, ficando impedido de ostentar o emblema de sua classe.



Abaixo dos Hahua Incas havia os funcionários chamados *curacas*, antigos chefes locais mantidos em seus postos, de acordo com o costume inca de permitir aos povos submetidos conservar sua autonomia.

Habilmente, os incas transformaram aquela miscelânea de populações conquistadas em unidades econômicas relativamente homogêneas, controladas por um comando em cadeia que chegava ao Sapa Inca, em Cuzco. Essa estrutura facilitava a organização e a distribuição dos tributos e também dos recursos.

Como não existia moeda, o tributo era pago em trabalho. Nos territórios conquistados pelos incas, todos os recursos – fazendas, rios, rebanhos, passavam a ser propriedade do império, e a própria terra era dividida em três partes: a primeira os camponeses cultivavam para sua própria subsistência, a segunda para o Sapa Inca e a nobreza, e a terceira para Inti e outras divindades, incas ou locais. Os beneficiários desse terceiro lote eram, de fato, os sacerdotes, as sacerdotisas e os servidores que viviam nos inúmeros santuários, espalhados por toda a parte.

Os camponeses deviam dar prioridade ao cultivo das parcelas do imperador e dos deuses, antes de se dedicar às que lhes cabiam para uso próprio. Além disso, cada família devia ao governo uma contribuição em panos, tecidos com a lã que recebiam.



Os artesãos especializados, por sua vez, como joalheiros, ourives, lapidadores, escultores e ceramistas, viviam na cidade e eram taxados de acordo com o produto de seu trabalho, realizado com a matéria prima fornecida pelo Inca ou pelos nobres. Eram os ourives da corte, por exemplo, que colocavam suas maravilhosas criações entre as plantas dos jardins dos palácios reais: flores, rebanhos de lhamas e seus pastores, coelhos, lagartos, serpentes, borboletas, raposas e gatos selvagens produzidos com metais preciosos. Garcilaso de la Vega descreveu por exemplo, “aves brilhantes, empoleiradas no alto das árvores, como se estivessem prestes a cantar; outras, inclinadas acima das flores, pareciam aspirar seu néctar”.

Outro tipo de imposto era ainda exigido ao povo, a corvéia. Chamava-se *mit'a*, literalmente, ‘turno’, serviço pessoal e temporário que os contribuintes prestavam às instituições estatais. Poderia ser um ano no exército, ou um mês consagrado à conservação das estradas locais ou ao trabalho nas minas de prata ou cobre.

Em recompensa por seu incessante labor, o povo desfrutava os benefícios oferecidos por um Estado ‘beneficente’ rudimentar que, em tempos de escassez, satisfazia suas necessidades. Boa parte das colheitas era encaminhada para os múltiplos armazéns, ou *qollqas*, instalados em cada centro provincial. Era de lá que provinham os víveres e outros bens distribuídos diariamente a viúvas, órfãos, doentes e inválidos permanentes, ou, em períodos de guerra e de catástrofes naturais, ao conjunto da população. Esse sistema impressionou bastante Polo de Ondegardo, no final do século 16, pois ele escreveu a seu soberano, Felipe II: “Pudemos verificar que havia



ajuda vinda dos armazéns do Sapa Inca, de forma que seus súditos jamais passavam fome”.

“Além do milho e das batatas, os qollqas transbordavam de inúmeros outros produtos; de acordo com um observador espanhol, os armazéns de Cuzco continham ‘escudos de metal e de couro, caibros para os tetos das casas, facas e outros utensílios, sandálias e peitorais para equipar os soldados, e tudo em tal quantidade que é difícil conceber como os indígenas puderam reunir tributos tão valiosos e objetos tão diversos”. Outro cronista contava que esses depósitos permitiam vestir inteiramente, armar e alimentar os soldados. Em troca desses cuidados, deviam dar provas de disciplina. “Era proibido saquear as cidades, mesmo que fosse conquistada pela força”, observa Garcilaso de la Vega.

Durante o reinado de Pachacutec, em grande parte devido aos qollqas, os povos submetidos pelos incas gozavam de uma segurança que até então desconheciam. E, graças à política de assimilação adotada pelo imperador por todo seu império após cada conquista, as culturas se mesclaram, o saber e os recursos foram partilhados e emergiu uma sociedade próspera, como jamais se vira antes. As comunidades deixaram de ser devastadas por guerras contínuas, e não precisavam mais se lançar em disputas pela terra e pela água. A população não vivia mais sob o temor de más colheitas, de terremotos e outras catástrofes naturais que a deixariam sem abrigo ou sem recursos. Porém, essa segurança tinha um preço: um modo de vida coletivista, submetido ao centralismo do Estado e a sua burocracia.

Em 1471, Pachacutec entregou o poder a seu filho Topa Inca Yupanqui, que já comandava o exército. Este, mostrando-se digno de seu pai, ampliou o império até o extremo dos limites que atingiria. Em seu auge, era constituído por uma centena de etnias diferentes integradas ao modelo inca.

O mais extraordinário é que Pachacutec e seu sucessor administravam um império tão vasto sem dispor de linguagem escrita. Mas eles contavam com um engenhoso substituto da escrita, o *quipu*, invenção única em seu gênero, adaptada a suas necessidades. Consistia de um conjunto de cordéis com nós de algodão ou de lã, de várias cores, às vezes comportando centenas de cordões de comprimentos diferentes. Seu nome deriva da palavra quíchua que significa ‘nó’.



Talvez o quipu seja anterior aos incas, mas nas mãos deles se tornou um instrumento perfeitamente adequado ao controle imperial. Ele codificava todos os dados estatísticos que pudessem ser necessários à administração, desde o total de homens disponíveis para a mit’a em determinado mês, até a quantidade de milho estocada em cada armazém do Estado. Graças ao quipu, os incas tinham condições de ter um total tão preciso dos homens e dos bens, que seria impossível esquecer “até um par de sandálias de alpaca”, segundo um cronista espanhol. Outro cronista escreveu: “O império era governado pelos quipos”. Ainda hoje, os camponeses andinos fabricam e utilizam quipos rudimentares para registrar o número de animais de seus rebanhos e o volume de suas colheitas.

Supõe-se que os quipu camayocs (os que faziam quipos) devem ter desempenhado um papel central na administração. Para compor as mensagens tridimensionais com simples cordéis, precisavam ser, ao mesmo tempo, contadores, lógicos e artistas; e é presumível que sua importância aumentasse quanto mais perto estivessem do poder central, em Cuzco. Garcilaso relata que seu status era elevado, a ponto de “isentá-los de qualquer tributo e de qualquer outro serviço, fosse qual fosse”.

Isso não é surpreendente, pois, na maioria dos casos, só a pessoa que confeccionara o quipu conseguia decifrá-lo.

Na qualidade de controladores das quantias e dos valores, os quipu camayocs podiam cometer abusos e também estavam expostos à corrupção. Consciente disso, Pachacutec procurou exercer um controle direto, por intermédio de um corpo de inspetores especiais, da casta dos incas. Esses funcionários prestavam contas apenas ao imperador; com frequência, viajavam incógnitos para supervisionar o trabalho burocrático e garantir o suprimento dos armazéns. Seu nome, *tocoyrircoc* – ‘aquele que vê tudo’ – contribuía para inspirar temor em funcionários corruptos e ineficientes.

As informações acerca dos tocoyrircoc e da burocracia normal chegavam a Cuzco por uma imensa rede viária. Maravilha da engenharia, essa rede, cujo comprimento foi estimado em cerca de 25 mil quilômetros, era vital para a coesão do império. Por ela viajavam os funcionários e os administradores das províncias; eles pernoitavam nos *tambos*, estabelecimentos de forma regular ao longo das estradas.



O sistema viário agilizava muito as comunicações entre a capital e as províncias. Ao longo das estradas havia corredores chamados *chasquis*, instalados em postos de revezamento separados entre si por alguns quilômetros. Constituíam o que Cieza de León considerou “o melhor sistema de correio que se poderia desejar ou imaginar. As notícias não viajariam mais depressa se fossem levadas por cavalos velozes”. O mensageiro típico selecionado ainda jovem por sua agilidade e pela resistência ao ar rarefeito das montanhas, cobria em um instante a distância que o separava do posto seguinte. Soprava uma concha para anunciar sua aproximação, e o corredor que estava no posto podia reconhecê-lo de longe, graças a três penas brancas na cabeça. O segundo corredor, assim avisado, corria um trecho ao lado dele para ouvir e aprender a mensagem, que iria transmitir a um terceiro mensageiro, que a passaria para um quarto, e assim por diante, dia e noite. As notícias percorriam a rede com uma velocidade que podia atingir 400 quilômetros por dia. Havia também mensageiros que transportavam dessa forma até peixes, que iam da costa do Pacífico para a mesa do imperador.

Por maior que fosse a eficiência dessa organização para manter o império coeso, Pachacutec deveria se assegurar da lealdade das gerações futuras para que o Estado construído sobrevivesse a ele. Convidava então os filhos dos curacas ^(nobreza local), os notáveis das províncias conquistadas, para que se educassem em Cuzco, com os filhos da própria nobreza. Assim, ao fim de seu estágio, aqueles jovens voltariam para casa impregnados da cultura e do orgulho incas, dos quais seriam propagadores em potencial. Além disso, eles serviam, tal como ocorria com os ídolos provinciais guardados em Coricancha, de reféns amigáveis, que garantiam a boa conduta de seu povo em relação ao poder central.

Nas mãos de professores chamados *amautas*, os ‘sábios’, os adolescentes aprendiam religião, elementos de geometria, história, tática militar e oratória.

De todas as instituições criadas ou reforçadas por Pachacutec, talvez a mais curiosa fosse também uma das mais antigas, a da *panaca*. Uma panaca era um grupo familiar constituído por toda a descendência de um imperador, em linha masculina, com exceção do filho chamado a sucedê-lo. Esse príncipe herdava o trono, porém não os bens acumulados por seu pai, que permaneciam como propriedade do morto e eram administrados pela panaca, servindo para sustentar seus membros.



As múmias do imperador e da imperatriz ficavam simbolicamente na chefia da panaca, porém o verdadeiro líder costumava ser um irmão do novo soberano. Os corpos eram mantidos no palácio, em um trono. Embalsamados e depois ressecados – graças a um processo do qual ainda não se conhece o segredo, mas que

implicava sem dúvida o emprego de certas ervas, eram em seguida envolvidos em várias camadas de algodão fino, vestidos com roupas suntuosas e rodeados dos mesmos cuidados que haviam merecido em vida. Servos cuidavam de satisfazer todas suas presumíveis necessidades, oferecendo bebida e comida, e até abanando para espantar as moscas. Os imperadores falecidos, carregados em liteiras, faziam visitas mútuas ou então iam ver seus descendentes e o novo soberano; este não se contentava em lhes render culto, mas também lhe pedia conselhos, por intermédio dos membros mais importantes da panaca. Periodicamente, todas as múmias reais eram transportadas para a praça principal de Cuzco, onde eram “colocadas por ordem de antiguidade”, como observa o padre Cobo, que acrescenta: “Serviam-lhes copos de chicha, com os quais os defuntos faziam brindes entre si; depois, bebiam à saúde dos vivos e vice-versa. Seus servos substituíam os mortos, brindando em seu nome”.

Pachacutec acreditava que, como seus antecessores reais, viveria eternamente sob a forma de múmia. Mas a tradição pela qual os bens do imperador passavam para seus descendentes, e não para o príncipe herdeiro, automaticamente obrigava o novo soberano a ampliar seus domínios para constituir sua própria panaca. Esse sistema não tardou a se tornar embaraçoso. Menos de cinquenta anos depois da morte de Pachacutec, o império tinha quase uma dúzia de panacas para manter, cada uma delas representando muitas centenas de indivíduos, incluindo os servos. Como escreveu Pedro Pizarro, um primo do conquistador, “a maior parte das pessoas e dos bens era propriedade dos mortos”. As despesas para sustentar todas aquelas múmias reais e sua numerosa descendência se tornaram tão pesadas que o bisneto de Pachacutec, Huascar, tentou abolir essa instituição, atraindo a inimizade dos nobres que vivam à custa daquelas propriedades.

Pouco antes da chegada dos conquistadores em Cuzco, os anciãos levaram as múmias para fora da cidade. Os espanhóis as procuraram durante anos, muitos deles motivados pelo ouro que se dizia estar contido entre suas relíquias. Tais relíquias eram tão poderosas como símbolos dos vencidos incas, que a Igreja as considerou obstáculo à conversão da população, enquanto o governo colonial via nelas um efeito subversivo.

Quando, em 1559, Polo de Ondegardo, o magistrado de Cuzco, soube que as múmias ainda eram adoradas em segredo, decidiu encontrá-las. Interrogou uma assembleia de notáveis incas e acabou por localizar os corpos de três imperadores, inclusive o de Pachacutec, e de duas coyas. Todos estavam vestidos como quando eram vivos, sentados à maneira indígena, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos baixos, eles as mostrou a Garcilaso de la Vega, que se espantou ao observar que “não lhes faltava um fio de cabelo, nem um pêlo de suas sobrancelhas, nem um cílio”. Ficou profundamente impressionado com a leveza dos corpos, pois, segundo conta, “os índios os levavam nos braços, de uma casa para outra, sem dificuldade, para mostrá-los às pessoas que desejavam vê-los”.

Pólo de Ondegardo expediu as múmias para Lima. Garcilaso descreve sua partida de Cuzco: “Na rua, eles as recobriam com um lençol branco e todos os indígenas que as viam passar se ajoelhavam e se inclinavam imediatamente, com os olhos banhados de lágrimas. Muitos espanhóis também tiraram seus chapéus”. Temendo a intensidade dos sentimentos suscitados pelas múmias reais, o governo mandou destruí-las. Assim, tal era a grandeza de Pachacutec que, mesmo na morte, aquele construtor de império, aquele que ‘fez tremer a terra’, ainda constituía uma ameaça aos usurpadores do poderio inca.

GRANDEZA ADOTADA

Embora tenham sido grandes construtores de império, os incas não mereciam todo o deslumbramento manifestado pelos espanhóis diante de suas realizações. Os conquistadores não sabiam da facilidade dos incas para se apropriar de tecnologia alheia.

Praticamente todas as maravilhas de sua civilização – as grandes estruturas de pedra de Cuzco, a agricultura em terraços nas encostas das montanhas, ou 25 mil quilômetros de estradas pavimentadas que unificavam o império – se inspiraram em realizações de grupos étnicos precedentes. Mesmo os magníficos artefatos de ouro, que tanto encantaram os espanhóis, eram em boa parte produto de outras mãos.

Segundo os historiadores da corte, pouca coisa importante ocorrera nos Andes antes de os incas assumirem o poder. Toda cultura da região se originara com os incas. Mas, a verdade é que já existia vida civilizada nos Andes há pelo menos 3 mil anos. Os arqueólogos descobriram templos nas terras altas e grandes cidades no deserto, muito recuados no tempo em relação à época inca. Porém, se os incas não foram mais que herdeiros, eles souberam imprimir a marca de sua genialidade nas realizações dos que os precederam.

Um dos primeiros estudiosos da cultura andina a explorar essa antiga marcha em direção ao progresso foi o arqueólogo alemão Max Uhle. No início da década de 1890, ele começou a fazer escavações em várias sepulturas, nas montanhas e ao longo da costa do Pacífico; desenterrou peças de cerâmica e tecidos, comparando seus motivos decorativos. Com a análise de suas descobertas ele pode elaborar uma cronologia relativa dos antigos estilos peruanos.

Um local que fascinou Uhle foi Tiahuanaco, conhecido por seu antigo e misterioso conjunto de megalíticos, próximo ao litoral do Lago Titicaca e que hoje está em território boliviano. Esse lago, situado a 3800 metros acima do nível do Pacífico, é a mais alta massa de água navegável do mundo, e uma das mais remotas. A puna em torno dele, um planalto desprovido de árvores, é um lugar cuja aridez ultrapassa a imaginação: o platô rochoso, recoberto por uma gramínea resistente chamada *ichu*, é varrido pelos ventos das alturas e seu único horizonte são as distantes cadeias de montanhas. Consta que as quatro estações ocorrem na região diariamente: a primavera, quando o sol desponta; o verão, ao meio-dia; o outono, à tarde; e o inverno, ao cair da fria escuridão na montanha.



Mas as ruínas que aparecem junto ao Lago Titicaca são surpreendentes. Uhle fez desenhos e plantas-baixas do que provavelmente seriam três templos de calcário e quatro



estruturas administrativas, construídos sobre uma série de plataformas elevadas, implantadas em pátios retangulares rebaixados. Tal como todos os visitantes que ali estiveram, ele ficou maravilhado com o monolítico trabalho em pedra dos edifícios. Alguns dos blocos são do tamanho de um cômodo pequeno e pesam mais de 100 toneladas. A precisão com que foram cortados e encaixados dispensou o uso de argamassa. As edificações já estavam em ruínas quando os incas ocuparam a região, no século 15.

Pouco se sabe a respeito do povo de Tiahuanaco e de sua cultura. Mas a arqueologia fornece uma data aproximada para seus monumentos, graças à técnica de datação por carbono. O complexo do templo de Tiahuanaco começou a ser levantado, parece, no século 1º d.C., expandindo-se quinhentos anos mais tarde e continuando a crescer por mais cinco séculos. Entre os legados dessa misteriosa cultura existe um portal maciço, a Porta



do Sol, escavada em um só bloco de pedra, que traz gravada a figura de um deus de olhos redondos e arregalados, com um halo feito de cabeças de serpentes e felinos. Traz um bastão em cada mão, sendo que um deles termina com uma cabeça de condor. A



imagem desse deus não aparece apenas em Tiahuanaco, mas por toda a parte, nos Andes peruanos. Ao fazer explorações em Pachacamac, um santuário reverenciado desde os tempos antigos até o período inca, Uhle encontrou muitos motivos semelhantes aos de Tiahuanaco. E descobriu imagens posteriores da divindade em ruínas no litoral norte, perto da cidade de Trujillo. Parece evidente que Tiahuanaco espalhou sua influência por boa parte do

território ocupado mais tarde pelos incas.

Ao norte de Tiahuanaco ficava o território dos huaris, assim identificados a partir das ruínas de sua capital. Esse império nas montanhas dominava a mesma região que os incas governariam. Os huaris floresceram na mesma época de Tiahuanaco, e também já haviam desaparecido como força política no tempo dos incas. Seu legado material é representado pelas muralhas de pedra de suas bem planejadas cidades e por postos administrativos que se interligavam por uma rede de estradas.

Antes de seu desaparecimento, o império huari se estendeu para o norte, a partir do vale de Cuzco, até as vizinhanças do Equador de hoje e, a partir da cordilheira central, até o litoral. Sua influência pode ser reconhecida no planejamento urbano dos chimus, uma dinastia que surgiu no século 9º d.C. Quando Topa Inca Yupanqui, o décimo imperador dos incas, conquistou o reino de Chimor, entre 1465 e 1470, ele se apossou de uma cultura bem mais avançada que a sua, sob muitos aspectos. A capital, Chan-Chan edificada com tijolos de adobe, era uma das maiores cidades da América do Sul, com uma população de, talvez, 36 mil pessoas. As lavouras dos chimus, nos vales dos rios que bordejavam os desertos costeiros, eram irrigadas por meio de um sistema inigualável, em termos de objetivos e de eficiência. Os artesãos chimus estavam entre os melhores da América; foram os criadores de grande parte dos objetos de ouro que mais tarde deslumbrariam os espanhóis. Diante de tais exhibições de talento e riqueza, os incas fizeram a coisa certa – absorveram a cultura chimu e colocaram seus artesãos a serviço do império inca, se tornando, de certa forma, discípulos de seus próprios vassalos.



Quando o grande Pachacutec assumiu o poder, teve a oportunidade de observar de perto as realizações das outras culturas andinas, passadas e presentes, ao avançar em suas conquistas. Tal como os espanhóis, ele deve ter ficado impressionado, e é possível que tenha desejado não apenas imitar algumas das realizações de seus antecessores, mas também ultrapassar sua grandeza. Ele logo se lançou à reconstrução



de Cuzco. Aparentemente, a cidade se desenvolvera como um espalhado conjunto de modestas habitações de alvenaria, a maioria com um só cômodo. Pachacutec mandou derrubar tudo e planejou uma série de ruas em desenho mais ou menos retangular, substituindo as antigas estruturas por palácios e templos, incluindo o de Sacsahuaman, que era também uma fortaleza. Tomou por modelo os monumentos urbanos de duas culturas anteriores: os

templos de Tiahuanaco e o grande complexo dos huaris.

Sob alguns aspectos, os senhores de Huari foram os mais próximos ancestrais culturais dos incas. Ambos eram povos montanhese e ambos conquistadores; os dois exerciam um poder estrito sobre seus súditos, enviavam ordens e recebiam tributos, graças a uma rede muito bem planejada de estradas. Acima de tudo, os huaris eram exímios construtores – os primeiros verdadeiros planejadores urbanos da América do Sul. Eles ergueram um de seus centros administrativos, Pikillacta, a menos de 30 quilômetros a sudeste de Cuzco, com a precisão de um acampamento militar: há mais de setecentos edifícios monumentais, muitos dos quais têm três andares e mais de 45 metros de comprimento. As paredes dessas estruturas eram feitas de alvenaria ligada por um cimento de barro, revestido por camadas de argila e gesso. Pelo que evidenciam as ruínas ainda existentes, algumas paredes tinham 1,8 metros de largura e se elevavam até 15 metros acima de seus alicerces. Um sistema de canalização subterrânea fornecia a drenagem do complexo.



Muitos arqueólogos acreditam que Pachacutec tenha baseado em Pikillacta o plano geral de sua capital. Parece que ele copiou diretamente a planta de ruas e a concepção básica da *cancha*, quarteirão residencial fechado que se abria para um pátio interno, que se tornou padrão para as residências no estilo imperial inca. Porém, a verdadeira glória de Cuzco não está na imitação da organização dos huaris, mas a perfeição do trabalho nas pedras talhadas para a construção dos mais belos edifícios. Para isso, seus artífices buscaram inspiração nos monumentos de Tiahuanaco.



As pedras trabalhadas pelos incas são maciças e finamente talhadas, tal como as de Tiahuanaco. Alguns blocos são cortados como peças de um quebra-cabeça. Uma pedra famosa na parede Hatun Rumiyoq, o palácio de Inca Roca, o sexto governante, exibe não menos de doze ângulos em sua face externa, cada um deles perfeitamente encaixado à pedra adjacente. Em outras paredes, são de tamanho uniforme e dispostas em camadas iguais, como tijolos. Para assegurar o encaixe e a firmeza das pedras, eles talhavam de forma ligeiramente

côncava a face superior de cada uma, criando uma depressão em forma de pires que se encaixava na pedra de cima, de face inferior abaulada. Assim, as pedras eram instaladas umas sobre as outras em seu ponto de contração máxima, criando paredes que podiam enfrentar terremotos; mesmo que os tremores balançassem as pedras por algum tempo, elas rapidamente retornariam à sua posição. Mais espantosa ainda é a forma pela qual os incas conseguiram cortar os gigantes blocos de pedra que subsistem em Cuzco e em outras partes. “Elas são tão grandes quanto os troncos das árvores das florestas”, escreveu o secretário de Pizarro, Pedro Sancho, acerca das imensas pedras de alicerces do templo-fortaleza de Sacsahuaman. Ele não exagerava – uma das pedras tem o peso estimado de 86 toneladas; outra, 126 toneladas. Para Garcilaso de la Vega, que passara sua infância escalando as muralhas de Sacsahuaman, um observador inadvertido poderia “até acreditar que elas foram feitas por alguma espécie de magia – e não por homens”.

Mas elas certamente foram construídas pelos homens, e os cronistas relatam não apenas quem foram, mas como o fizeram. De acordo com Cieza de León, 20 mil trabalhadores eram recrutados por ano para construir e aperfeiçoar as fortificações de Cuzco, cumprindo assim sua mit'a, ou corvéia. Ele registrou: “Quatro mil extraíram e cortaram as pedras; seis mil as arrastaram com a ajuda de grandes cabos de couro e cânhamo; outros cavaram fossos e alcançaram as fundações, enquanto outros ainda cortavam os caibros e as vigas para a carpintaria”. As obras eram supervisionadas pelos mestres dos arquitetos e dos pedreiros, orientados por modelos em argila. A maioria dos pedreiros provinha da região de Tiahuanaco, contribuindo com habilidades que haviam passado de geração em geração.

O intenso esforço físico despendido em cada estágio da construção deve ter sido extraordinário. Apenas a tarefa de retirar as pedras de seu local de origem e transportá-las já exigia grande energia e técnica. Os arquitetos de Cuzco preferiam três tipos de pedra, das quais apenas uma era encontrada em áreas próximas. Por exemplo, o diorito esverdeado utilizado nas paredes externas do templo de Sacsahuaman pode ter sido retirado de afloramentos das proximidades; mas os blocos de calcário dos alicerces devem ter sido arrastados por 15 quilômetros. Na construção da maioria dos templos e palácios os arquitetos exigiam a andesita, uma rocha granítica provavelmente trazida de Rumiqlqa, a 35 quilômetros dali, a sudeste.

Os espanhóis ficaram profundamente impressionados com a perícia arquitetônica dos incas. O padre Bernabé Cobo comentou, a respeito da reação de seus companheiros: “O que mais nos surpreende quando olhamos esses edifícios é imaginar com que ferramentas e aparelhos conseguiam retirar aquelas pedras das pedreiras, trabalhá-las e colocá-las em seus lugares, sem instrumentos de ferro nem máquinas com rodas, sem usar réguas, esquadros, fios de prumo, ou qualquer espécie de equipamento e de instrumento utilizados por nossos artesãos”.

Para soltar as pedras do leito rochoso das pedreiras, os trabalhadores colocavam alavancas de bronze em fendas naturais, ou enfiavam cunhas de madeira que em seguida eram embebidas de água e assim inchavam, provocando uma fratura. Depois, os cortadores aparavam os blocos até o tamanho desejado, preparando-os para transportar até Cuzco. Nem todas as pedras chegavam a seu destino. Muitos blocos semi-acabados ainda se espalham por várias antigas estradas – alguns deles, famosos, jazem nas proximidades de Ollantaytambo e há muitos são conhecidos como ‘Pedras cansadas’.



Ao chegar ao local da construção, as pedras eram colocadas em pé sobre rampas de terra. Pode-se estimar, sem exagero, que seriam necessários cerca de 2.400 homens para mover a mais pesada das pedras até o alto de uma rampa, um número que concorda com o de Cieza de León quanto ao total de trabalhadores em Sacsahuaman. Mas, antes de serem levantados à força de músculos, aqueles blocos precisavam adquirir uma forma exata. Como eles faziam isso? Além de suas alavancas, os construtores incas não possuíam ferramentas de ferro ou de aço – nem malhos, nem rodas de moer. Suas únicas ferramentas eram praticamente as pedras arredondadas, mais duras que os blocos, usadas como martelo para quebrar a rocha e dar-lhe a forma. Mas o resultado desse trabalho desgastante valeu a pena. As construções incas são tão estáveis quanto o leito rochoso do qual as pedras provinham “tão fortes que durariam enquanto o mundo existisse”, segundo outro espanhol admirado. E isso poderia ter sido verdadeiro, nessa

região de terremotos e avalanches, a não ser nos locais pilhados pelos espanhóis em busca de material para a construção.



Embora o forte da arquitetura inca tenha sido “a simplicidade, a simetria e a solidez”, a beleza e a elegância são inerentes à sua concepção. Entre os muitos exemplos admiráveis está a agradável estética das paredes da acllahuasi, a casa das mulheres escolhidas de Cuzco, na qual os blocos de alvenaria decrescem em tamanho em direção ao alto; e também, na mesma cidade, a parede curva, em forma de abside, do Coricancha, ‘o cinturão de ouro’. E El

Torreón, admirável marco semicircular em Machu Pichu, representa uma mistura de arte e perícia. O muro que liga a torre curva a um edifício de dois andares e meio é composto de blocos de granito que, embora pareçam retangulares, não possuem um só ângulo reto, nem uma linha reta. Ao alternar as pedras quase retangulares com outras, encaixadas, os construtores incas criaram uma série de junções que mantiveram o muro ligado às estruturas adjacentes até hoje.



Todavia, nem todas as construções incas eram edifícios reais como esses; grande número de estruturas puramente funcionais se espalhava pela zona rural. Os qollqas, por exemplo, armazéns para estocar cereais, roupas, ferramentas e armas, se erguiam estrategicamente ao longo das estradas e fora das capitais provinciais. A maioria era construída de calhaus ligados com barro, em geral na forma de silos adotada em algumas habitações tradicionais de vilarejos. Eles eram construídos em grandes aglomerados nas encostas das colinas, onde a chuva escoava bem, colocando, assim, seu conteúdo ao abrigo da umidade e, ao mesmo tempo, disponível em caso de fome ou de agitação social.

Quase tão admirável quanto as cidades de pedra, as residências reais, os armazéns e outros edifícios administrativos, era a rede de estradas que os interligava. Um governante inca poderia viajar por toda a extensão de seus domínios, do Equador ao Chile, e, exceto pela travessia de alguns rios maiores, os carregadores de sua liteira jamais precisariam colocar os pés fora das estradas muito bem conservadas.

As estradas pavimentadas de Tahuantinsuyu são com frequência comparadas às do Império Romano. Ambas foram usadas para manter o controle sobre diversos grupos que viviam distantes da capital. No entanto, nem mesmo os romanos precisavam viajar rotineiramente por cerradas matas tropicais, sobre montanhas de 6 mil metros de altura e transpor correntezas de rios com centenas de metros de largura.

Duas artérias principais, interligadas por inúmeras estradas laterais, atravessavam todo o império em um percurso paralelo: uma ao longo da costa e outra pelas terras altas. Os dois sistemas, incluindo as estradas montanhosas que os ligavam e as ramificações que, sobre as montanhas, penetravam nas florestas das terras baixas, se estendiam por mais de 25 mil quilômetros.

Trechos dessas estradas haviam sido construídos séculos antes pelos huaris e, mais ao norte, pelos chimus e outros povos. Porém, os incas expandiram e aperfeiçoaram a rede viária. Em terrenos pantanosos, elevaram o leito da estrada com tijolos secos ou pedras, com valas para o escoamento da água, fixando por cima a pavimentação de adobe ou de pedra. Em outros locais, endureceram o leito da estrada com uma mistura impermeável feita de folhas de milho, pedregulhos e argila. Na região costeira, a crosta dura do solo tornou dispensável a pavimentação, mas foram instalados pilares de pedra

delimitando a estrada e, em alguns trechos, muretas baixas de pedra ou de adobe impediam o deslizamento da areia e evitavam que as caravanas de lhamas ou os mensageiros se desviassem. Nas estradas principais, marcos de pedra indicavam as distâncias.

A largura das estradas variava conforme a topografia: de 6 metros, em terreno plano, no deserto ou na puna, se estreitavam até para 1,8 metros nas passagens montanhosas. Quando possível, seu traçado mostrava precisão linear. Os engenheiros incas pareciam preferir ultrapassar os obstáculos, em vez de evitá-los. E, uma vez que as estradas eram feitas para pedestres e para lhamas de passo seguro, elas podiam ser muito íngremes e não havia praticamente limites de inclinação. Assim, os itinerários eram com frequência verdadeiras montanhas russas, com escadas vertiginosas e até degraus cortados na rocha. Entre Machu Picchu e Vilcabamba, um trecho do caminho acompanha a borda escarpada de uma montanha e o calçamento se apoia em um aterro de 3,5 metros de altura, de construção humana. Em outro lugar, a estrada atravessa uma abertura na rocha de 4,5 metros de largura, semelhante a um túnel, obtida pelo alargamento de uma fenda natural. Esse túnel inclinado, com altura suficiente para que um homem o atravessasse em pé, possui degraus baixos cortados no solo.

Os construtores de estradas enfrentaram os maiores desafios para transpor os inúmeros cursos de água da região. Embora muitos rios fossem possíveis atravessar a pé, a velocidade da correnteza com frequência tornava muito difícil sua travessia, mesmo com a água na altura dos joelhos. Para transpor os rios menores, ou as pequenas correntezas no nível do chão, instalavam troncos ou pequenas pontes, apoiadas sobre arcos de pedra. Mas os rios largos e rápidos demandavam outros recursos – por exemplo, pontilhões ^(pequenas pontes) feitos de barcos de junco altamente flutuáveis, que eram amarrados uns aos outros, ligando as duas margens, e por cima deles se instalava um caminho de madeira. As correntezas em gargantas profundas eram superadas graças à *oroya*, espécie de teleférico que pendia de uma forte corda – feita de cipós ou de erva ichu – trançada firmemente e esticada a partir das margens. O passageiro, agachado em um cesto de caniço pendurado no cabo, era puxado até o outro lado por uma equipe de homens. Às vezes, na falta do cesto, o padre Cobo conta o que acontecia: “Eles apenas amarram o homem solidamente, de maneira que não possa cair, se ficar com medo e desmaiar; pendurado ao cabo por um grande gancho de madeira, ele é puxado para o outro lado”.



Esse dispositivo improvisado podia ser suficiente em transportes individuais, em estradas secundárias, mas as principais artérias exigiam soluções mais elaboradas. Para



transportar carga e pessoas acima das torrentes das montanhas, os incas construíram pontes suspensas, que constituem um dos triunfos mais extraordinários de sua engenharia. Um par de estruturas de pedra era erguido em cada margem e servia de apoio a um conjunto de cabos maciços, tecidos com erva ichu, cada um deles “grosso como o corpo de um menino”, segundo Cobo. Dois cabos funcionavam como parapeito e três outros sustentavam o chão da ponte, feito de galhos entrelaçados. Essas pontes se curvavam sob o próprio peso e

balançavam ao vento de forma alarmante. Porém, eram suficientemente fortes para suportar os nobres carregados em suas liteiras e, mais tarde, os espanhóis em seus cavalos. Como medida de segurança, os cabos eram substituídos uma vez por ano pelos moradores locais, cuja única tarefa era mantê-los em boas condições. A mais espetacular dessas pontes se situava sobre o cânion de Apumirac, na principal estrada ao norte de Cuzco: media 66 metros de uma a outra margem e era suspensa a 33 metros acima do rio.

Apesar das dificuldades inerentes às viagens nas estradas incas, seus construtores se esforçavam para tornar a jornada rápida e agradável. Em alguns trechos plantavam árvores frutíferas, nutridas por meio de valas de irrigação; os viajantes podiam apanhar os frutos, para se refrescar. A intervalos de 25 a 50 quilômetros existiam um *tambo* (hospedaria de estrada) e currais para as lhamas. Em cada um desses locais, um caseiro mantinha estoques de provisão – milho, feijão, batata e carne-seca. Descobertas arqueológicas recentes revelam que os incas construíram e mantinham tambos em todas as estradas do império, mais de dois mil ao todo. Os arquivos coloniais revelam que os espanhóis tentaram manter os tambos como parte integrante das estradas, mas não alcançaram o sucesso dos incas.



Da mesma forma que os qollqas, esses postos de serviço ilustram a importância do armazenamento para o bom funcionamento do império inca. Mas eles teriam sido de pouca utilidade sem uma economia agrícola eficiente. Para resolver o problema das necessidades alimentares de seu império em expansão, os incas redesenharam paisagens inteiras – construindo terraços em regiões montanhosas, retificando cursos de rio, inundando ou drenando pântanos e fazendo os desertos florescerem, graças à canalização de água. Poucas eram as áreas naturalmente apropriadas à agricultura, naquelas regiões em que predominavam os terrenos verticais, e os poucos terrenos horizontais se mostravam totalmente desérticos, ou ocupados pela árida estepe.

As lavouras em terraço podem ser vistas por todo o império, subindo pelas



encostas das montanhas que circundam Cuzco, ao longo de extensos trechos do vale do Colca, ao sul, e em centenas de outras regiões escarpadas do império inca. Cerca de 1 milhão de hectares foi assim trabalhado, possibilitando o cultivo em lugares aparentemente inviáveis. De acordo com a lenda, a construção dos terraços é atribuída a Pachacutec. Embora alguns deles sejam anteriores, a verdade é que os incas elevaram a construção desses *andenes*, como são chamados, a um nível quase artístico.

Os andenes típicos têm a 1,5 a 5 metros de altura, variando em largura e extensão de acordo com a inclinação do terreno. Alguns medem de 15 a 60 metros de largura e até 1.500 metros de comprimento, na parte mais baixa da vertente; no entanto, como vão se estreitando à medida que sobem, podem chegar na parte superior a ter tamanho suficiente apenas para poucas fileiras de milho ou legumes. A maior parte dos muros de retenção é de pedras brutas e, de acordo com Garcilaso, “são ligeiramente inclinados para trás, como para suportar o peso da terra que os preenche”. Outros – perto de Cuzco, por exemplo – são elaborados com blocos de pedra cortada, tal como os usados para construir os palácios reais.

Após levantar os muros de retenção, os trabalhadores despejavam dentro uma camada de pedregulho, para assegurar a drenagem adequada; em seguida, jogavam por cima milhares de cargas de terra, carregadas desde os vales em cestos pendurados às costas. Em alguns lugares, a fertilidade do solo era assegurada pelo uso do guano (fezes de aves) importado de áreas de nidificação (Ato de determinada espécie ao construir seu ninho em determinado local) nas ilhas



próximas do litoral, quando não era encontrado no próprio local. Para ligar os terraços, alguns dos quais tinham a altura de uma casa de um andar, os agricultores construíam degraus. Em alguns lugares inseriam nos muros pedras chatas, cujas pontas formavam uma escada. Para garantir a irrigação, absolutamente essencial para o cultivo, caçavam canais que drenavam as águas dos rios, alimentados pelos picos glaciais, até condutos que acompanhavam a linha dos terraços, permitindo que a água escorresse livremente de um nível para outro. Os arqueólogos acreditam que o abandono de muitos dos antigos andenes resultou do despovoamento da área.

A água era um luxo raro em grande parte do império inca, problema particularmente grave nas áridas terras agrícolas ao longo do litoral. Os primeiros agricultores procuraram uma solução cavando o solo arenoso. Quando, finalmente, atingiam o nível do lençol freático, plantavam feijão e abóbora, nos pontos em que a umidade se infiltrava. Porém, o aumento da população exigiu medidas mais ambiciosas. Pressionados por essa necessidade, os habitantes desenvolveram o mais extenso e duradouro sistema de irrigação da América pré-colombiana. Na região do Rio Moche, os antigos peruanos cavaram inúmeras valas profundas nas areias dos vales superiores, com ramificações que levavam aos campos de milho das encostas mais abaixo. Além de canalizar a água da cordilheira na estação das chuvas, de novembro a maio, essas valas também ajudavam a criar um lençol de água nas terras baixas, à medida que o líquido ia ensopando gradualmente a areia e ali se acumulando. Em então os agricultores locais podiam plantar milho, feijão, abóbora, pimenta, árvores frutíferas e algodão.

Os incas compreendiam muito bem que o controle da água significava poder, pois também constituíam uma sociedade hidráulica. A chuva que caía nas terras altas se adequava bem aos cultivos daquele ambiente, mas o milho, que era nativo das terras baixas, exigia irrigação mais intensa. Para garantir um volume de água constante para o milho, os incas construíram uma rede de canais e de cursos de água, com quilômetros de



extensão, escavados nos mais difíceis terrenos, apenas com suas ferramentas rudimentares. Pelo menos uma vez, eles chegaram a desviar o curso de um grande rio, com o intuito de controlar os recursos da natureza. Em Pisac e em Ollantaytambo, o importante Rio Urubamba foi retificado e canalizado, e as margens foram pavimentadas com pedra, para ampliar as terras cultiváveis e prevenir inundações. Garcilaso ficou tão impressionado com os canais dos incas que escreveu: “Podem ser comparados às maiores obras realizadas na Terra, e ficarão em primeiro lugar”.

Os grandes projetos hidráulicos dos incas não se resumiam à agricultura. Eles supriam as grandes cidades de água potável e de rede de esgotos. Consta até que os engenheiros chegaram a direcionar o fluxo de fontes termais, para que alguns nobres desfrutassem o luxo de possuir água quente e fria canalizadas. Atribui-se a Pachacutec a responsabilidade pela canalização dos dois rios que passam por Cuzco, projeto realizado para reduzir as inundações periódicas. Trechos dessa obra extraordinária ainda podiam ser visto no século passado e agora, embora cobertos pelas ruas da cidade, continuam a funcionar. Especialistas em controlar a água, os incas não foram, no entanto, os primeiros povos andinos a utilizá-la para melhorar suas condições de vida. No início da década de 1960, foram



descobertos vestígios pré-históricos de canais de irrigação próximo a lavouras elevadas, no Peru e Bolívia. Estudos arqueológicos recentes demonstram que eles datam de cerca de 1.000 a.C., e parecem ter sido abandonados muitos antes da chegada dos espanhóis.

Os canais faziam muito mais que fornecer umidade durante os períodos de seca; agiam também como reguladores de temperatura, absorvendo o calor do sol durante o dia e liberando-o à noite. Formava-se, assim, uma camada isolante na superfície, impedindo que as plantas congelassem e ampliando a estação de crescimento.

A natureza prática e o engenho dos incas se manifestavam em tudo o que faziam, incluindo o trabalho em metal, uma antiga habilidade que eles elevaram às alturas.



Os ourives chimus e seus colegas incas dispunham de grande variedade de técnicas para trabalhar o ouro, mais que qualquer outro povo americano da época. Martelavam lingotes para obter folhas de metal, das quais produzem peitorais e argolas para as orelhas, modelavam copos e pratos em torno de gabaritos de madeira, fundiam ornamentos e estátuas, praticavam a douração e o folheado e colavam as partes de um trabalho com uma série de solda. Eram mestres em incrustações, relevos e filigranas. E, como em tudo o mais que faziam, criavam obras-primas “sem a ajuda de pinças,

martelos, cinzéis, buris ou qualquer outro instrumento utilizado por nossos joalheiros”, como diz o padre Cobo. Outro espanhol, o historiador Juan de Torquemada, escreveu em 1613, que os objetos criados pelos ourives incas “superavam em muito os de nossos joalheiros espanhóis, pois sabiam fazer aves com cabeças, línguas e asas que se mexiam, e animais em cujas patas colocavam peças, para que parecessem dançar”.

Diferente da prata, o ouro não provinha das minas, sendo obtido por lavagem em bateias, em forma de pepitas ou em pó. No entanto, nos lugares em que existiam minas, o trabalho para extraí-lo não era considerado particularmente difícil. Ao contrário dos espanhóis, que posteriormente explorariam as minas com exigências absurdas, causando a morte de muitos conscritos ^(alistados), os incas praticavam uma gestão mais esclarecida. O dia de trabalho começava ao meio-dia e terminava ao entardecer, para evitar a exaustão

no ar pobre de oxigênio das grandes altitudes. As esposas tinham permissão para ficar com seus maridos durante a corvéia e cuidavam da cozinha; nos frequentes feriados, todos os trabalhadores podiam retornar a suas casas no final de seu turno.

Nem toda a produção era de natureza artística; os incas também fabricavam coisas práticas com estanho, prata, cobre, chumbo e diversas ligas metálicas.

Por mais sofisticados e conhecedores do mundo que se julgassem os espanhóis, eles nunca conseguiram se adaptar, e operar produtivamente, no rude ambiente peruano, tal como ocorrera com os incas e seus predecessores. Depois da conquista, o ouro e a prata começaram a se esgotar, os terraços e canais de irrigação foram abandonados, as pontes acabaram apodrecendo e os edifícios remanescentes foram abandonados. Todavia, o legado dos incas sobreviveria no espírito de suas realizações e em sua vontade indomável diante da adversidade.

Fonte:

CIVILIZAÇÕES PERDIDAS. O IMPÉRIO INCA. Abril Coleções. R.J., 1998.